

PAÍS EM CRISE**MENOS DE UM SALÁRIO****Sem renda, o carro acabou vendido**

“Há uns 2 anos, comecei a vender material de cama, mesa e banho porta a porta. Fazia uns R\$ 2 mil por mês, vivia bem. Morava em Governador Valadares e vendia na região. Mas, há mais ou menos um ano, a crise pegou. Comecei a tirar no máximo R\$ 500 por mês, muita gente perdeu o emprego e parou de comprar. Quando chegou a lama (da barragem da Samarco), paralisou tudo. A cidade parou. Fiquei com dívidas e tive que vender meu carro. Ainda estou vivendo com o dinheiro da venda, morrendo de medo de acabar. Vim para Vitória achando que teria emprego, mas também está terrível. Estou vivendo de favor em casa de parente e a única renda é a pensão da minha filha, de R\$ 260. É uma situação caótica. Estou tentando vender lingerie, mas ninguém tem dinheiro”

CLEIDE LACERDA DE OLIVEIRA,
47 ANOS, AUTÔNOMA EM BUSCA DE UMA OPORTUNIDADE

EDSON CHAGAS

CRISE ARRASTA FAMÍLIAS PARA CLASSES MAIS BAIXAS

Só em 2015, 260,6 mil famílias entraram nas classes D e E

✎ **LUÍSA TORRE**
ltorre@redgazeta.com.br

Há cerca de um ano, Cleide Lacerda de Oliveira, 47, viu a renda de seu trabalho como vendedora de artigos de cama, mesa e banho cair drasticamente. Com o desemprego crescente, sua principal clientela, os aposentados, passaram a ser a renda principal de muitas famílias, deixando de comprar as peças que ela vendia porta a porta na região de Governador Valadares, Minas Gerais. O trabalho era suado, mas lhe dava bom sustento, já que seu último emprego de carteira assinada pagava meio salário mínimo para meio expediente como auxiliar de serviços gerais.

Depois da crise, veio a lama das barragens da Samarco, que romperam em

novembro. A cidade parou, quem costumava ir até lá fazer compras evitou a cidade por medo de contaminação nos alimentos. Cleide, então, viu sua renda – que já havia caído de cerca de R\$ 2 mil para R\$ 500 ao mês – ir a zero.

Foi quando ela decidiu vir para Vitória, junto com a filha, viver com parentes em busca de uma oportunidade de emprego. A única renda das duas é a pensão de R\$ 260 da filha e o dinheiro do carro, que vendeu há um mês. A visita a Sines da Grande Vitória é diária, mas não há vagas. “Depender dos outros é péssimo. Estou fazendo bico vendendo lingerie, mas não tirei nada ainda, todo mundo está pagando a prazo. Está difícil por causa da crise. Penso em ter uma

loja online. Emprego não tem em lugar nenhum”.

A família de Cleide é uma das 260,6 mil, em todo Brasil, que deixaram a classe C e passaram a integrar as chamadas classes DE, caracterizadas pelos domicílios de menor renda (em média, R\$ 768), com piores condições de habitação e de vida, e que geralmente só encontram chance de trabalhar na informalidade. O número vem do Critério Brasil, um padrão usado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) como referência para os estudos de mercado realizados pelos institutos de pesquisa.

De 2015 para este ano, segundo o estudo, o contingente de domicílios que se moveu para baixo na pirâmide social cresceu: 900 mil

DETERIORAÇÃO

“Neste ano, depois de muito tempo, observamos uma deterioração na distribuição da pirâmide. Os números mostram como foi rápida e profunda a piora da economia”

LUIS PILLI,
CONSELHEIRO DA ABEP

famílias desceram um degrau na escala social. Foi a primeira vez que houve um movimento inverso ao da ascensão socioeconômica que vinha ocorrendo desde 2008. De 2015 para 2016, a classe que abrange famílias

com renda média de R\$ 4,9 mil (chamada B2) perdeu 533,9 mil domicílios. A categoria dos domicílios que têm renda média de R\$ 2,7 mil (C1) encolheu em 456,6 mil famílias. Já a classe C2, com renda domiciliar média de R\$ 1,6 mil, registrou 653,6 mil novos integrantes.

“Houve, no Brasil, um período longo em que as condições de vida melhoraram, desde o início da estabilização econômica, do Plano Real. Neste ano, depois de muito tempo, observamos uma deterioração na distribuição da pirâmide social. Os números mostram como foi rápida e profunda a piora da economia”, comenta Luis Pilli, conselheiro da ABEP.

A alta taxa de desemprego é o que provoca essa mobilidade acentuada e é tam-

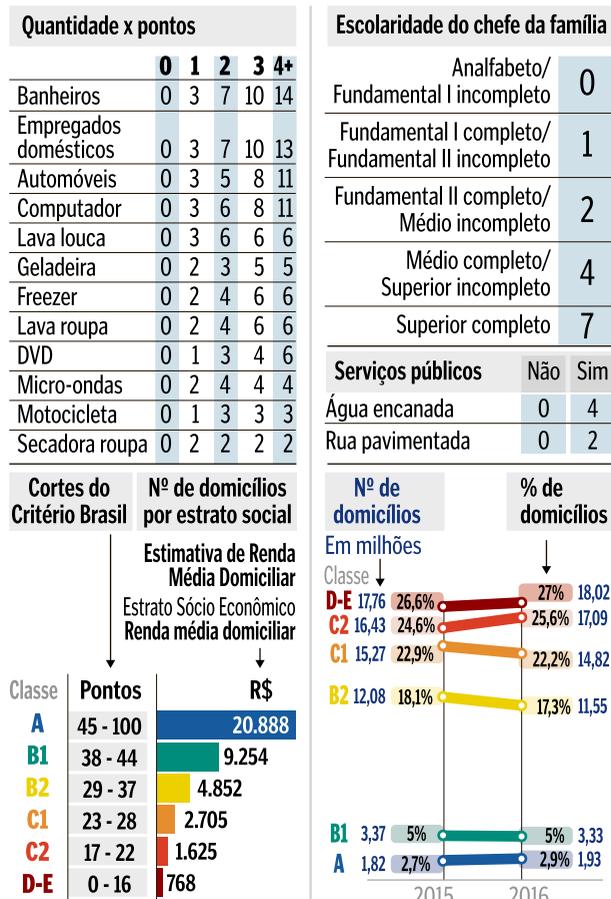
bém o que fez capixabas como Leandro Barcelos da Costa, 33, e Adriana Cristina Machado, 46, verem uma redução pela metade em suas rendas familiares – o que têm como consequência queda no padrão de vida, dívidas e muita preocupação.

A economista da OPE Sociais e vice-presidente do Conselho Regional de Economia, Danielle Nascimento, avalia que, em tempos de crise, muita gente se adequa a uma nova realidade. A queda de classe já é um segundo momento. “Quando o desemprego cresce muito, vemos um volume maior de pessoas se deslocando de uma classe para outra. E é para as famílias das classes D e E que itens básicos como alimentação e transporte vão ter peso maior”.



DEGRAUS NA ESCALA SOCIAL

O índice considera variáveis indicadoras de renda permanente para determinar o potencial de consumo das famílias



Fonte: Estudo da ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa) | Infografia | Genildo

Como é feita a avaliação

➤ No Critério Brasil, são avaliadas 35 variáveis indicadoras de renda permanente (como educação, condições de moradia, acesso a serviços públicos, posse de bens duráveis e ativos financeiros e não finan-

ceiros) para determinar o potencial de consumo dos domicílios em relação a 20 categorias de produtos e serviços (entre elas, alimentação no domicílio e fora de casa, vestuário e saúde e medicamentos).

Fora da pobreza, mas ainda vulneráveis

➤ O volume de famílias que se movimentou para baixo na pirâmide social é explicada porque muita gente que ascendeu, melhorou de vida, mas continuou vulnerável às flutuações da economia. É o que explica o conselheiro da ABEP Luis Pilli.

“Em duas, três décadas de evolução, a quantidade de gente que ascendeu ainda é muito maior do que os que pioraram, mas já há uma parte dessa população que foi ‘devolvida’ às classes mais baixas. Há muitas pessoas que melhoraram a condição de vida, mas continuaram vulneráveis. E a crise econômica impacta nisso. Os mais ricos têm mais

meios de se defender dela. E entre os mais pobres, apesar da ascensão, as famílias continuaram vulneráveis”.

Isso porque, para essas pessoas, a fonte de renda principal é o emprego – e com altos índices de desemprego, classes mais baixas sofrem mais, destaca Danielle Nascimento, economista da OPE Sociais e vice-presidente do Conselho Regional de Economia.

“Há muitas pessoas que saíram da pobreza, mas estão muito próximas da linha de corte entre as classes. Elas estão numa situação de atenção, e qualquer variação na renda joga a família de volta à pobreza.”

NO VERMELHO



Bicos escassos e dívidas no cartão

“Trabalhava como cozinheira e recebia R\$ 1.200, mas a empresa fechou. Vivo com meu marido, ele recebe aposentadoria de R\$ 1 mil, mas estamos passando muito apertado. Faço uma ou outra faxina, mas dá só uns R\$ 400 por mês. A crise mudou meu humor. Não tem tanta felicidade, falta muita coisa para meu menino, que tem 13 anos. Ele sente falta do lazer, de ir ao cinema. Tenho dois cartões atrasados, estou devendo mais de R\$ 3 mil. Já renegociei, mas não consigo pagar porque não consigo trabalhar. Meu marido está acabando o financiamento do carro e mal sobra dinheiro para as contas de casa”.

ADRIANA CRISTINA MACHADO,
46 ANOS, DESEMPREGADA HÁ 9 MESES

EDSON CHAGAS

SEM TRABALHO



Lazer, TV a cabo e internet cortados

“Está muito difícil achar trabalho, principalmente para vigilante. A renda em casa caiu de quase R\$ 2 mil para R\$ 1 mil – minha esposa continua trabalhando. Tenho um carro e uma moto, mas parei de usar os dois. A gente cortou muita coisa, não podemos mais passear com os filhos, cortamos lanches, TV a cabo e internet. Trocamos o plano pós do celular para pré-pago. É difícil, a gente tenta viver como dá. Pelo menos nossa casa é própria, não passamos necessidade, mas reduzimos o supermercado. Tinha uma poupança, mas foi embora. Nunca tinha ficado sem emprego tanto tempo”.

LEANDRO BARCELOS DA COSTA,
DE 33 ANOS, DESEMPREGADO HÁ 7 MESES

EDSON CHAGAS